

CÔA VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº

EDIÇÃO DA

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

ACTAS DO I CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO-DOURO E BEIRA BAIXA
(ANO DE 2004)

ISBN 972-8763-15-8



9 789728 763152

PUBLICAÇÃO ANUAL ALCARDO DO
CULTURAIS DA CAMARÁ MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FIM

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 7 · ANO DE 2005

TRABALHO COORDENADO POR

ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

(Este número da Côavisão publica exclusivamente as Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, organizado entre 29 de Abril e 2 de Maio de 2004, áreas dos Concelhos de Meda e Vila Nova de Foz Côa)



Foto da capa:

Rio Douro – Lugar do Torrão

Composição e impressão:

Côa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. — V. N. de Foz Côa
Depósito legal n.º 121116/98
ISBN 972-8763-15-8

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2005

Índice

Prefácio	5
Introdução	7
“Povoações Romanas da Beira Transmontana e Alto Douro” <i>Jorge de Alarcão</i>	9
“Existe uma ocupação Proto-Histórica em Trás-os-Montes antes da ocupação Romana? Alguma notas sobre esta questão” <i>Dulcineia Cândida Bernardo Pinto</i>	19
“Arte Rupestre e Ocupação Humana no Vale do Côa – balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa” <i>Luís Luís</i>	31
“Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Balanço de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico” <i>Vitor Oliveira Jorge...e outros</i>	61
O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) – reflexões sobre fases e contextos” <i>Susana Oliveira Jorge... e outros</i>	69
“Tipologias de aparelho construtivo do Sabugal Velho” <i>Marcos Osório</i>	81
“O troço desactivado da linha do Douro (Pocinho – La Fuente de San Esteban): um caso de Património Arqueológico Ferroviário a defender” <i>Carlos Abreu</i>	101
“O Esteio gravado do Cabeço do Bique (Perafite, Vila Verde, Alijó)” <i>Francisco Monteiro Faure e Eliana Miranda de Sousa</i>	133
“O Pentagrama de Ribeira de Piscos (Vila Nova de Foz Côa) e seus paralelos no contexto da arte rupestre filiforme pós-paleolítica da Península Ibérica” <i>Fernando Augusto Coimbra</i>	145
“Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa – Primeiros resultados da estação sismológica e da estação meteorológica em funcionamento no PAVC” <i>António Pedro Batarda Fernandes</i>	159
“Antiquários e Arqueólogos” <i>António Alberto Rodrigues Trábulo</i>	167
“A Pré-História Recente no Douro Sul. Um ensaio de Arqueologia Espacial” <i>António José Fernandes Heitor e Carla Isabel Dias Franco</i>	173
“A estátua-menir de Longroiva e a sua importância para a cronologia da Idade do Bronze na região do Côa e territórios confinantes <i>Adriano Vasco Rodrigues</i>	179
“As fíbulas do Bronze Final e Idade do Ferro de Portugal Interior (Norte e Centro): problemática sobre produção local e de longa distância” <i>Salette da Ponte</i>	185
“Pré-História Recente na região da Guarda – alguns subsídios” <i>Manuel Sabino G. Perestrelo e Marcos Osório</i>	207

"Canedotes (Vila Nova de Paiva – Viseu): uma aproximação à ocupação do povoado"	233
<i>Alexandre Canha</i>	
"O Castelo de Torre de Moncorvo: resultados da intervenção de 2001"	251
<i>António Chéney e Pedro Sobral de Carvalho</i>	
"A Numária de Ervamoira e a do Baixo Côa"	275
<i>J. A. Gonçalves Guimarães e Susana Guimarães</i>	

A estátua-menir de Longroiva e a sua importância para a cronologia da Idade do Bronze na região do Côa e territórios confinantes

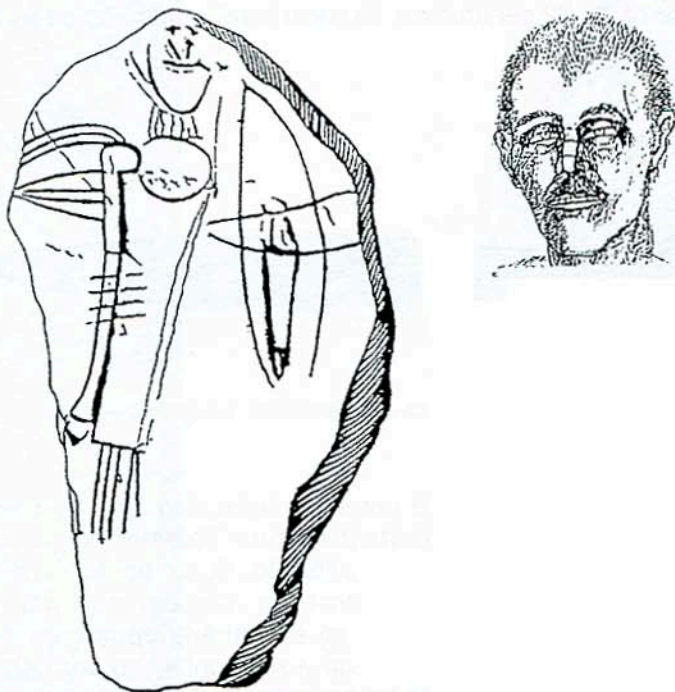
ADRIANO VASCO RODRIGUES^(*)

Nos últimos decénios a Arqueologia Pré-Histórica experimentou grandes avanços que lhe alteraram o tradicional contexto institucional, ampliando, por um lado, a pesquisa com interrogações que só a longo termo obterão respostas e, por outro, orientando a investigação para os *grandes trabalhos*, otimizando os recursos existentes. O fim último, ou objectivo teleológico da Arqueologia, visará sempre a construção de sistemas culturais a partir dos vestígios conservados, ou dos que vêm sendo postos a descoberto pela escavação.

Por toda a parte, nos três últimos decénios, registaram-se avanços, especialmente na Europa Unida, em busca da *identidade europeia*.

Os progressos na datação absoluta, no período correspondente à Idade do Bronze, para algumas áreas da Península Ibérica, foram tão rápidos, surpreendentes e inesperados, a partir de 1980, que, além de alterarem os quadros em que tradicionalmente nos baseávamos, provocaram um tal desmoronamento que ainda não foi possível ordenar com segurança os modelos que devemos seguir.

No caso que motivou esta comunicação, os testemunhos de que dispomos foram descobertos na sequência de trabalhos agrícolas efectuados sem qualquer preocupação científica no campo da Arqueologia. Assim, destruíram-se e inutilizaram-se dados informativos que seriam de grande utilidade no estabelecimento de uma cronologia absoluta.



Estátua-menir de Longroiva e reconstituição do Homem do Otztal, o Otzi

^(*) - Inv. da Universidade Portucalense e Director-Jubilado da *Schola Europaea* (U.E. – Bélgica)

Identifiquei a *estátua-menir* no Vale da Veiga de Longroiva, dois anos depois de ter sido desenterrada no sítio do Cruzeiro Velho, próximo da Ribeira dos Piscos, afluente do Rio Côa. Infelizmente, se algum depósito ou enterramento acompanhou a fixação do monólito, nada foi recolhido. A peça só se valorizou e ganhou interesse quando a identifiquei, após ter sido abandonada como inútil.

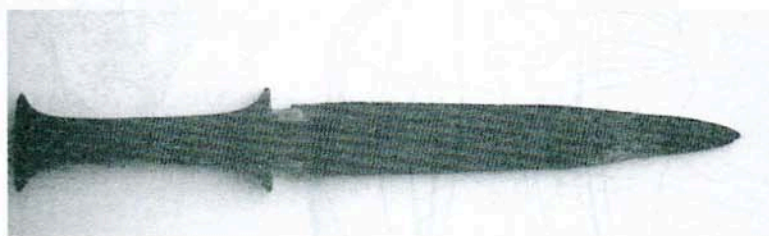
O bloco lítico que constitui o *menir* de Longroiva tem 2,40 metros de altura por 1,30 de largura. Apresenta numa das faces esculpida uma figura humana. É acompanhado da representação gravada das armas de uso pessoal. São elas uma alabarda pontiaguda metálica de cabo largo de madeira com um comprimento de 80 centímetros; uma carcás ou aljava, espécie de saco redondo para recolha de setas, com cerca de 90 centímetros; um punhal ou espada triangular com 44 cm de comprimento, tendo 30 de lâmina e uma foicinha, que se vê do lado direito, sobreposta à alabarda, com 29 cm. Pela representação todos os objectos são metálicos. O arco cuja gravação está interrompida na base, poderia, reconstruído, medir 1,10 metros. O comprimento dos objectos representados corresponde às suas reais dimensões, excepto o arco, que deveria medir mais de 1,5 m. Pela estilização a figura lembra a técnica usada na representação das *deusas mães eneolíticas* e também as *estátuas-menires* da Primeira Idade do Bronze. Apesar desta análise tipológica dos instrumentos permitir afastarmo-nos de um enquadramento cronológico das *estátuas-menir* do calcolítico meridional, também, aparecidas isoladamente sem qualquer associação, não dão garantias de uma cronologia absoluta. A alabarda representada é um machado de ataque, típico e original do Bronze Antigo, caracterizado pela sua lâmina triangular alongada, com forte nervura central, permitindo golpes violentos, daí lhe vindo o nome genérico de *pics d'armes*. Estas alabardas eram terríveis, movidas pelo cabo, ao contrário dos punhais calcolíticos, pouco práticos, e também são distintas das lanças aparecidas mais tarde. O fabrico da lâmina da alabarda inicial pode resultar de uma liga de cobre arseniado a que se seguiu a liga de estanho. A alabarda aparece representada com frequência em gravuras rupestres. É um exemplo clássico do Bronze da Península da Escandinávia. Na Península Ibérica celebrizam-se as alabardas de El Argar, ligadas à sua florescente civilização, enriquecida pelas relações comerciais que se mantiveram com o Mediterrâneo Oriental. A decadência de El-Argar começou com a queda de Micenas.

Voltando à observação da *estátua-menir* de Longroiva, o punhal lembra pelo cabo rematado em pastilha redonda uma imitação dos famosos punhais triangulares de empunhadura metálica, da civilização do Ródano, enquadrada no Bronze Antigo. A foice, pela representação do veio central, é coeva das análogas do primeiro período da Idade do Bronze, em que há reminiscências calcolíticas.

Resta-nos determo-nos na representação da figura humana. A cabeça é profundamente esquematizada entrando pelas espáduas. O queixo é típico, arredondando. A boca rasgada. Os olhos, dois pontos seguidos de dois traços representando o nariz.

A mão está circunscrita a quatro dedos, horizontalmente traçados sobre o cabo da alabarda. Um colar de duas voltas encobre o pescoço. Um dos pés sai descalço, representando os dedos por cinco traços.

Também no Castro dos Tambores, sobranceiro ao Vale da Veiga de Longroiva foi encontrado um punhal de Bronze com cerca de 22 centímetros de cabo maciço, lembrando as empunhaduras das espadas do tipo *Auvernier*, mas mais simples.



Punhal do Castro dos Tambores (Longroiva – Chãs)

A partir de 1991 passamos a dispor de um importante elemento de comparação para o estudo do caçador, guerreiro, ou pastor representado nesta insculptura. Falamos no pastor, pois, naquele período da Idade do Bronze, a principal actividade era o pastoreio. O elemento de comparação é o do cadáver mumificado pelo gelo, encontrado a 3200 metros de altitude, no Tirol, nos Alpes Otztal. Estava acompanhado de armas correspondentes às que se encontram representadas no Menir de Longroiva. A datação atribuída ao Homem de Otztal, que passou a ser conhecido por Otzi, depois de lhe terem dado também o nome de Similaun, do glaciário onde foi encontrado. A datação proposta dá-lhe uma antiguidade de cinco mil anos distantes de nossos dias. Junto dos instrumentos de cobre encontrados ao lado do cadáver havia pontas de sílex, o que o situa no Calcolítico, portanto um antepassado do Homem do Bronze Antigo.



O Otzi, no local onde foi encontrado congelado nos Alpes

Infelizmente, a falta de elementos orgânicos e estratigráficos na *estátua-menir* de Longroiva não permitem uma datação absoluta, pelo que temos de recorrer ao método tipológico. Não faltam abundantes testemunhos de arte móvel da Idade do Bronze no distrito da Guarda, de *estátuas-menires*, estelas, e insculpturas rupestres. Estátuas e insculpturas completam-se culturalmente.

Quanto identifiquei a espada de Vilar Maior (pistiliforme atlântica, Bronze Final), descoberta oito anos antes por um agricultor no Monte do Castelo, o lavrador informou-me que junto da espada estava uma peça de barro branco, que lembrava uma jarra. Partiram-na na busca de ouro. Apesar das pesquisas que fiz naquele local, os oito anos tinham sido demasiado tempo, não permitindo encontrar qualquer fragmento do referido vaso, que ajudasse a fundamentar uma cronologia.

Durante quase quatro decénios não foi assinalada no distrito da Guarda a identificação de qualquer *estátuas-menir*. Porém, em 2001, houve notícia de duas. Uma, em Maio, referindo o achado perto da Guarda, ao lado de um caminho entre a povoação de Demoura e a Aldeia de Santa Madalena, no lugar da Tapada. Trata-se de um bloco granítico com 102 cm de altura por 42 de diâmetro, ou largura, onde representaram uma figura humana com um colar de várias voltas. O arqueólogo Marcos Osório relacionou-o com o fenómeno megalítico, fazendo-o recuar talvez ao Calcolítico, à segunda metade do V milénio, ou inícios do IV milénio a.C.. A classificação foi baseada no método tipológico. Não se encontrou qualquer outro elemento de datação.



Estátua-menir (Guarda)



Estátua-menir (Figueira de Castelo Rodrigo)

Em 23 de Julho de 2001, foi noticiado o achado de outro menir, localizando-o na Quinta dos Marcelinos, a 2 km de Figueira de Castelo Rodrigo. Este bloco lítico mede cerca de 3 m de altura. Tem entre 60 a 70 cm de largura. É decorado nas duas faces, apresentando contornos do corpo humano. Observa-se a representação de uma espada e de uma alabarda triangular.

A arqueóloga Raquel Vilaça atribuiu-lhe uma idade de 4 mil anos, datando-o do II milénio a.C.. também esta classificação foi tipológica, baseada na comparação do formato das armas que acompanham a representação humana.

Nos três exemplos de estátuas-menires referidos, não foi possível, por falta de determinados elementos, fazer um enquadramento cronológico absoluto, nem estabelecer uma aproximação.

Nenhuma destas estátuas foi encontrada dentro do contexto arqueológico que correspondesse ao momento da sua implantação no terreno, o que, em termos absolutos, impede uma datação rigorosa.

O enquadramento teve por base os objectos metálicos, figurados, comparando-os e enquadrando-os por analogia, o que pode ser um erro abusivo, pois nem todas as semelhanças são contemporâneas e cronologicamente coincidentes. Também carecemos de dados sobre a função destes monumentos. Assinalavam sepulturas? Testemunhavam veneração pelos heróis? Seriam ex-votos a divindades protectoras? De quê?

Curiosamente a *estátua-menir* da Quinta dos Marcelinos afasta-se das tradicionais, esculpidas só numa das faces. Lembra, pelo talhe, a *estátua-menir* de Cauria, na Córsega.

Na vizinha Espanha houve notáveis progressos a partir de 1980, respondendo aos problemas de datação do Calcolítico e da Idade do Bronze e dando lugar à criação de modelos cronológicos aplicados a conjuntos superficiais. Podemos tomar como exemplo a estratégia proposta pelo Prof. Jesus Picazo Millán, da Universidade de Huesca (1993), ao construir esses modelos cronológicos, comparando-os com os conjuntos superficiais, com base em quatro princípios:

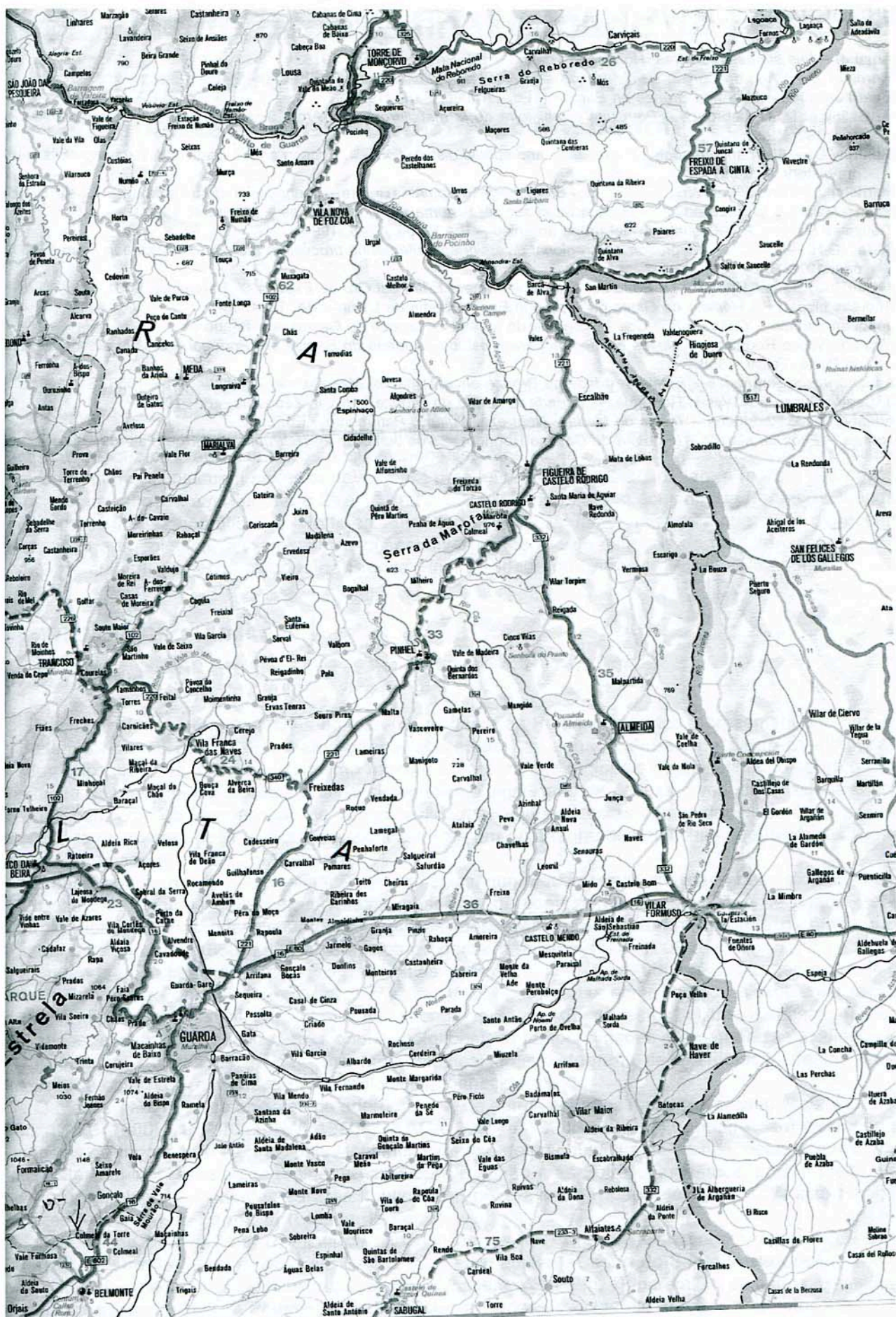
1 – A datação deverá realizar-se em função de conjuntos e não de elementos únicos, pois a ausência de materiais característicos impede uma correcta ligação.

2 – A datação será feita dentro da área investigada com base nos materiais locais, recusando analogias.

3 – As cerâmicas serão objectos de particular atenção.

4 – O desenho deve ser articulado de acordo com os fragmentos cerâmicos encontrados.

Este processo foi acompanhado da aplicação do método estratigráfico. Teve o apoio no C_{14} e foi seguido de tratamentos estatístico segundo critérios morfológicos estribados na análise dos componentes. Assim, foi possível elaborar modelos cronológicos que integram dentro de polígonos de dispersão as áreas correspondentes às fases do *Bronze Antigo* e do *Bronze Médio*.



Mapa da Região de Ribela Coa

BIBLIOGRAFIA

- Arnal J. – *Les statues-menhires, Hommes et dieux.* - Ed. Errance, Paris, 1976.
- Harrison J. – *L'Age du Cuivre, La civilisation des vases campaniformes* – Ed. Errance, Paris, 1985.
- Briard Jacques – *L'Age du Bronze en Europe* – Ed. Errance, Paris, 1985
- A. Gallay et M. N. Labrouze – *Pour une pré-histoire de la métallurgie* – in. Arch. Suisses d'Anthropologie général; t. 40, pag. 197 a 200
- Renfrew C. – *Alternative models for exchange and spatial distribution* – J. Ericson and T. Earle; Ed. Exchange Systems in pre-history, N. York.
- Harrison J. R. and J. Van Wright – *Date the Bronze age in Spain* – (Refere-se principalmente ao sítio de El Castillo), 1991.
- Picazo Millán, J. N. – *La edad del Bronce en el sur del Sistema Ibérico Turolense* – Zaragoza, 1990.
- Gonzalez Marcén, P. – Cronología del grupo argánico – R.A.P., pag. 746, 1994.
- Willey, G.R. – *Horizontal integration and regional diversity and alternating process in the rise of civilization* – Am A, 56 (2), pag. 197-215.
- Maria Ruiz, Galvez Priego – *La Edad del Bronce – Primera Edad del Oro de España?* – Barcelona, 2001.
- Andreas Lippert – *L'Homme de Glace du Tyrol* – in Encyclopédia de L'Humanité, 1994.
- Joaquim Trabulo – *Chãs de Foz Coa* - fotografia do punhal de bronze do Castro dos Tambores.
- Adriano Vasco Rodrigues – *Novos elementos para o estudo da Idade do Bronze em Portugal* – Studium Generale, Univ. do Porto, Vol. V, 1958.
- Adriano Vasco Rodrigues – *Estela da Idade do Bronze encontrada em Meimão* – in Zephyrus, LX-2-1958, Salamanca.
- J. Castro Nunes e A. Vasco Rodrigues – *Espada da Idade do Bronze* – in ver. Zephyrus – 8 – 1957.
- Adriano Vasco Rodrigues – *Terras de Meda – Natureza, Cultura, Património* – Ed. 2002.
- Jornais – *Ecós da Maroá* – (Figueira de Castelo Rodrigo), 25 de Julho de 2001; *Público* – 14 de Maio de 2001.